

**Carlos E. Gonçalves¹, Humberto M. Carvalho², Luís Catarino¹**

1) Faculdade de Ciências do Desporto, Universidade de Coimbra · 2) Universidade Federal de Sta. Catarina, Brasil

Prática reflexiva em jogadores do escalão de sub-14 masculinos durante uma época desportiva

RESUMO

Os jogadores de basquetebol de elite devem ser capazes de resolver problemas em situações dinâmicas e em interação com companheiros de equipa e adversários. Os treinadores deveriam proporcionar aos atletas em formação e especialização oportunidades para analisar, interpretar e decidir em situação de jogo. Doze jogadores de Basquetebol do escalão de sub-14 participaram no estudo. Folhas de Reflexão foram apresentadas aos jogadores que as preencheram ao longo da época desportiva.

Os resultados mostram que os jogadores reportam mais o erro do que o sucesso, as acções individuais do que as colectivas e valorizam a defesa quando as dificuldades competitivas aumentam.

Os dados sugerem que os treinadores precisam ensinar deliberadamente o pensamento táctico, utilizando estratégias plenamente integradas nos seus planos de treino.

Palavras-chave: Basquetebol, pensamento táctico, reflexão, treino deliberado.

Para além disso, o jogador de elite actual é entendido como apto a resolver problemas em situações dinâmicas e em interacção com companheiros de equipa e adversários. Partindo deste pressuposto, os treinadores deveriam proporcionar aos atletas em formação e especialização oportunidades para analisar, interpretar e decidir sobre os conteúdos da aprendizagem (Butler, 2016). Para tal, os jogadores precisam de ser capazes de: (i) identificar o problema; (ii) recolher informação sobre o problema; (iii) definir as opções de tomada de decisão existentes; (iv) tomar a decisão; (v) colocar a opção tomada em prática. Trata-se de dar resposta a questões do domínio táctico (o que fazer), técnico e físico (como fazer), temporal (quando fazer), espacial (?), de avaliação e justificação de escolhas (porquê?).

Sem pretender tomar posição no debate teórico sobre os fundamentos pedagógicos do ensino dos jogos, o presente estudo procura explorar as possibilidades abertas pela prática reflexiva no ensino e desenvolvimento do conhecimento táctico em praticantes de Basquetebol do escalão de sub-14. A partir dos trabalhos de Richards, Mascarenhas e Collins (2009, 2012) foi construído um instrumento facilitador do pensamento crítico do jogador relativamente às suas experiências em competição e passível de ser integrado nas estratégias de ensino do treinador. Para os autores citados, a implementação do uso de reflexão sobre a prática contribui para uma aprendizagem "lenta" (slowlearning) que favoreceria mais tarde o desenvolvimento das tomadas de decisão colectivas.

Uma das limitações dos estudos empíricos sobre o desenvolvimento do pensamento táctico e da tomada de decisão em competição é de se terem centrado quase exclusivamente em equipas de elite ou em especialização para a elite. Alguns treinadores continuam a pensar que os jogadores mais novos não possuem conhecimentos suficientes para serem questionados ou para emitir opiniões (Partington, 2014). Mas ao aceitar que as habilidades tácticas são decisivas para o sucesso no Basquetebol, então não pode existir idade de início para o seu ensino.

Outra questão ainda demasiado presente no estudo do treino desportivo prende-se com a existência de um alegado desfasamento entre a pesquisa realizada em meio académico e a realidade da prática, com a primeira a ser orientada primordialmente para a publicação científica



e não para a melhoria da qualidade da intervenção do treinador. Apesar de este ser um falso problema, o envolvimento dos treinadores na geração de conhecimento cientificamente relevante é útil e necessário. O presente estudo é um exemplo de investigação-em-acção, ao assentar em parceria entre um projecto académico e o treino, em que o treinador é um participante activo na construção e implementação da ideia de pesquisa.

MÉTODO

Participantes

Doze jogadores de Basquetebol do escalão de sub-14 participaram no estudo. A média de idades dos jogadores era de 12,75 (\pm 0.96) anos e a experiência média na modalidade era de 5.0 (\pm 1.7) anos. A equipa tinha 4 treinos semanais, com a duração de 90 minutos por sessão, tendo participado em 3 momentos competitivos distintos, ao longo do período de estudo: i) Campeonato Distrital de Sub14 Masculinos; ii) Campeonato Inter-Distrital de Sub14 Masculinos; iii) Campeonato Nacional de Sub14 Masculinos.

Desenho do estudo

O estudo foi aprovado pelo Comité de Ética de uma faculdade da Universidade de Coimbra. Os jogadores e os seus representantes legais deram o seu consentimento à participação no estudo.

A pergunta inicial de como desenvolver a tomada de decisão em jogo de jogadores de Basquetebol em processo de especialização foi complementada com a hipótese de que o treino reflexivo através de conhecimento declarado iria influenciar positivamente a aprendizagem táctica. Para tal e com base nos trabalhos de Richards, Mascarenhas e Collins (2009)

e de Richards, Collins e Mascarenhas (2012), o treinador e o investigador participante elaboraram Folhas de Reflexão, que foram apresentadas aos jogadores e que estes preencheram ao longo da época desportiva. As folhas incluíam um preâmbulo explicativo: "Pensa numa acção que decorreu durante o jogo e na qual foste obrigado a tomar uma decisão. Refere na caixa em baixo qual a situação a que te estás a referir. Explica o porquê de a teres escolhido".

A seguir, a folha apresentava a Caixa Reflexiva, em que o atleta era incentivado a responder a três perguntas:

1) o que se passou imediatamente antes de teres de tomar a decisão?;

2) o que fizeste durante a acção?;

3) qual foi o resultado da tua resposta?".

A Caixa Reflexiva continha também algumas pistas para facilitar o pensamento do jogador: "O que ouvi? O que pensei? O que vi? O que disse? O que disseram os outros?"

Por fim, era pedido ao jogador que descrevesse a acção

em terminologia de Basquetebol (p.ex., corte pela frente e aclaramento) e se tinha sugestões para melhorar o seu desempenho. Os jogadores recebiam as folhas no final dos jogos com a indicação de as preencherem o mais rapidamente possível e as entregarem no primeiro treino da semana. Não foram dadas quaisquer instruções sobre uma eventual forma desejável de preenchimento das folhas, pelo que as escolhas dos jogadores foram feitas livremente. As folhas foram entregues após 2 ou 3 jogos de cada uma das fases de competição, tendo cada jogador preenchido 6 ou 7 Folhas de Reflexão. No total foram analisadas 76 Folhas de Reflexão.

Análise de dados

Os dados provenientes do preenchimento das Folhas de Reflexão foram analisados de modo indutivo pelo primeiro autor. As categorias resultantes da análise foram originadas a partir da literatura existente no treino desportivo e na pedagogia do desporto e a partir da experiência de treino do primeiro autor. Para algumas situações específicas (tempo de jogo, dificuldade do jogo, resultados competitivos, etc.) foram pedidas informações ao treinador, de modo a clarificar e complementar a análise de conteúdo.

Resultados e discussão

Para a apresentação dos resultados foram usadas médias e percentagens das 76 Folhas analisadas. Mas é preciso ter em conta que alguns jogadores revelam uma abordagem original e muito própria na sua reflexão. Do ponto de vista do treinador e do planeamento do seu treino, estas expressões de individualidade devem ser consideradas para otimizar a intervenção pedagógica. Foram construídas as seguintes categorias de análise:

Sucesso/Insucesso

Os jogadores relatam maioritariamente (60%-40%) as situações em que consideram ter cometido um erro. A partir deste resultado é possível especular que a cultura vigente no treino consiste hegemonicamente em "corrigir erros" e não em promover o sucesso na execução dos movimentos. Embora possa não corresponder a uma filosofia assumida explicitamente pelo treinador, parece plausível inferir que os próprios jogadores percebem o erro como um episódio que precisa de ser evitado e censurável e não como um passo mais no processo de aprendizagem.

Curiosamente, nenhum dos jogadores refere limitações nos seus fundamentos técnicos ou carências de ordem física como causas de sucesso ou insucesso. São sempre as escolhas em contexto dinâmico de jogo que são consideradas como relevantes para definir a situação: "quando eu fui para o cesto vieram dois adversários contra mim, eu tinha o meu colega sozinho do outro lado mas eu lancei na mesma".

Ataque/defesa

Deste ponto de vista, os jogadores mencionam nos seus relatos principalmente as situações ofensivas (60%-40%). Os resultados parecem adequados ao escalão etário, já que é o ataque que mais motiva e mobiliza os jovens praticantes. Mas é a evolução no tempo do tipo de respostas que mais chama a atenção. As reflexões sobre a defesa começam a surgir com maior frequência à medida que a época avança. Com efeito, é nos jogos do campeonato Nacional que os jogadores começam a compreender a importância dos aspectos defensivos do jogo. Ao jogarem com equipas cada vez mais fortes ofensivamente, os jovens começam a descobrir que o treino defensivo pode ser um meio de competir com adversários que criam problemas novos e que parecem insuperáveis. No que diz respeito ao ataque, os atletas relatam prioritariamente as situações em que são portadores da bola, dando pouca importância ao jogo sem bola. E mesmo nos momentos em que não têm a bola, assumem-se sempre como receptores de passe e nunca como facilitadores da acção de colegas de equipa.

Individual/Colectivo

Mais de 30% das reflexões referem-se a acções em que o jogador em causa é o único protagonista: "vi o meio aberto e ataquei o cesto". A esmagadora maioria das outras situações envolvem apenas 2 jogadores. Existe apenas um caso em que é relatada uma situação de 3c2. Os jogadores prestam sobretudo atenção ao seu companheiro próximo; apenas em 6 casos o adversário é tido em conta como interveniente importante na acção: "quando passei a bola não vi que o defesa estava adiantado e interceptou o passe".

Em 12 casos é mencionada a comunicação verbal entre jogadores e em 3 entre jogadores e treinador: "ouvi o (treinador) dizer "vai para o meio" e fui, mas já foi tarde". Em todos os casos de interacção verbal entre jogadores, o narrador queixa-se da falta de comunicação dos seus companheiros de equipa: "não me avisou e cheguei atrasado por isso". Parece que os atletas reconhecem grande importância à necessidade de falar e ouvir os companheiros, como meio de melhorar a qualidade do jogo e o seu desempenho próprio.

Os dados sugerem também que a amplitude de visão do jogo é limitada no espaço e no número de intervenientes. Do mesmo modo, os adversários não são tidos em conta como parceiros decisivos no desenrolar do jogo. Este é um aspecto a que os treinadores devem prestar atenção e tempo de ensino.

Emoções

No final de todas as situações relatadas, os jogadores referem os seus estados emocionais decorrentes do sucesso/insucesso da acção: "feliz", "contente", "orgulhoso", "frustrado",

"triste". Esta é uma informação importante para os treinadores que tendem a subestimar o papel das emoções nas aprendizagens. Usar as emoções positivas como alicerces de novas habilidades e ensinar a avaliar o insucesso do momento como etapa no processo de desenvolvimento é uma tarefa que os treinadores devem incluir nos seus planos de treino.

Soluções

Os jogadores demonstraram conhecer os princípios táticos básicos do jogo. Embora o "passe e corte" seja o movimento mais vezes mencionado, os atletas escrevem com relativo à vontade sobre: "mudanças do lado da bola", "ajudas", "trocas defensivas", "bloqueios". Contudo, nos casos em que relatam uma acção de sucesso, a sua proposta para melhorar é invariavelmente: "nada".

Quando refletem sobre erros cometidos, as soluções que propõem para os corrigir são bastante simples mas de grande significado para o treinador. No caso de erros ofensivos, a solução sugerida é: "jogar mais devagar". Já para os erros defensivos, a reflexão aponta para "melhor comunicação entre todos".

Implicações práticas, limitações e conclusões

O presente estudo apresenta uma experiência de ensino do pensamento tático com recurso à reflexão escrita por parte dos jogadores. Trata-se claramente de trabalhar a inteligência tática ou pensamento tático convergente - descoberta da melhor solução para o problema em causa e não do desenvolvimento da criatividade ou pensamento tático divergente, que consiste na descoberta de soluções novas ou pouco frequentes (Mermert, 2018).

Sabemos que no centro dos mecanismos conscientes de processamento de informação se encontra a memória de trabalho. Está demonstrado que a memória de trabalho tem um papel crucial na focalização da atenção, o que leva a pressupor que o treinador pode, através do uso judicioso das suas instruções, orientar a atenção dos jogadores para as fontes de informação relevantes para a resolução do problema tático. A mera re-focagem da atenção pode provocar melhorias rápidas na qualidade dos processos cognitivos e de tomada de decisão (Mermert, 2018).

Todavia, devido à limitada capacidade de armazenamento da memória de trabalho, o treinador deverá abster-se de sobrecarregar o atleta com indicações táticas, sobretudo durante a competição. Cabe aos treinadores a promoção activa da aprendizagem tática.

Através da manipulação das instruções, do uso de artefactos como os utilizados no presente estudo e dos estados emocionais dos jogadores.

Sabemos também que na aprendizagem do conhecimento tático é possível distinguir dois níveis: micro, considerado



como o processo que leva à descoberta das soluções e macro, entendido como o conjunto das variáveis ambientais que podem ser manipuladas pelo treinador. É este último aspecto que o planeamento do treino não pode negligenciar.

O conhecimento-acção é multifacetado pois os jogadores percebem o jogo de acordo com as suas possibilidades e intenções, levando a uma relação estreita entre percepções, decisões e acções. A boa decisão está sempre dependente da situação de jogo e da habilidade do atleta para a "ver" e agir. O treinador deve proporcionar o contexto que permita ao praticante descobrir o que é relevante no problema táctico e as oportunidades para o solucionar. Por conseguinte, o treino tem de representar deliberadamente o ambiente complexo e dinâmico do jogo.

Elencam-se desde já as limitações do estudo, decorrentes de ser apenas uma experiência em contexto e tempo limitados e partindo de pressupostos ainda não completamente elucidados. O efeito da intervenção não está avaliado e só o poderá ser cabalmente após anos de participação no treino e complementado com outros meios de análise do comportamento táctico, nomeadamente com recurso a tecnologias video e estatísticas.

Os jogadores não aprendem a tomar boas decisões em jogo apenas pela prática continuada do Basquetebol e, na maioria dos casos, não descobrem sozinhos as melhores soluções, necessitando da ajuda do treinador/professor (Vygotski, 1986). Para tal os treinadores necessitam de intervir deliberadamente sobre a aprendizagem táctica, criando e desenvolvendo as suas estratégias ao longo dos anos. Aprendemos com

a Pedagogia que partilhar com os atletas as dinâmicas de liderança e de tomada de decisão pode facilitar uma cultura da equipa que favoreça o desenvolvimento do pensamento táctico (Harvey, 2018). Para muitos treinadores a prática do ensino centrado no atleta e no seu desenvolvimento cognitivo consome tempo, que por vezes não existe. Mas os resultados valem quase sempre a pena.

Referências

Butler, J. (2016). *Playing fair: Using student-invented games to prevent bullying, teaching democracy, and promote social justice*. Champaign, IL: Human Kinetics.

Harvey, S. (2018). Developing athlete-centred coaching in high performance field hockey. In S. Pill (ed) *Perspectives on athlete-centred coaching* (pp. 79-92). Oxon, Ox: Routledge

Memmert, D. (2018). Coaching tactical creativity in team sports. In S. Pill (ed) *Perspectives on athlete-centred coaching* (pp. 36-46). Oxon, Ox: Routledge

Partington, M., Cushion, C. J. & Harvey, S. (2014). An investigation of the in-game behaviours of professional, top-level youth soccer coaches. *Journal of Sports Sciences*, 32(5), 403-414. <http://doi.org/10.1080/02640410500131944>

Richards, P., Collins, D. & Mascarenhas, D. (2012) Developing rapid high-pressure team decision-making skills. The integration of slow deliberate reflective learning within the competitive performance environment: A case study of elite netball, *Reflective Practice*, 13:3,407-424, DOI:10.1080/14623943.2012.670111

Richards, P., Mascarenhas, D. & Collins, D. (2009) Implementing reflective practice approaches with elite team athletes: parameters of success, *Reflective Practice*, 10:3,353-363, DOI:10.1080/14623940903034721

Vygotski, L. (1986). *Thought and Language*. Cambridge, MA: MIT

